

ÚLTIMO ANCESTRAL COMUM

Dramaturgia: Leandro Romano e Luiz Antonio Ribeiro

Não há nada no palco além de um pedestal para microfone e uma estante para partitura. O "ator" entra em cena e posiciona-se em frente ao pedestal. Durante toda a apresentação, o "ator" permanecerá imóvel; sua única ação será ler o texto no microfone.

Italo Calvino, um cubano, disse em italiano:

"Non è la voce che comanda la storia: sono le orecchie".

"Não é a voz que dirige a história, mas sim o ouvido".

(PAUSA)

Houve um tempo em que não havia uma ordem expressa de nada, apenas uma sugestão direta que dizia:

Saia da frente

Você não pode ficar aí na frente

Você está atrapalhando

A frente não é o seu lugar.

Você pode até ficar aqui, mas ali do lado.

Nessa fresta de espaço.

Pode ficar ali, diante dos outros, que aos poucos se transformam em você...

Eu.

Eu sou uma árvore.

Eu sou uma árvore.

Eu não faço nada além disso que eu estou fazendo.

(pausa)

Fotossíntese.

A síntese da luz.

Eu não faço nada além de sintetizar a luz.

(pausa)

Eu sintetizo a luz.

Eu sou uma árvore.

Eu sou uma árvore.

I am a tree.

Yo soy un árbol.

Io sono un albero.

Je suis un arbre.

'Ana Shajara

Ao menos que alguém aqui fale árabe, não há como garantir - não com certeza - que 'Ana Shajara quer dizer “Eu sou uma árvore” em árabe.

Só há como pressupor. Não há como antecipar. Prever. Adivinhar.

Eu falei “Eu sou uma árvore” em cinco línguas diferentes e isto não significa que a sexta queira dizer a mesma coisa. Existe algo na palavra que não está fora dela, mas dentro. Dentro de cada pedaço de metade dela. Como uma maçã.

Uma questão meramente contextual.

Não há como afirmar que eu de fato esteja lendo este texto. Assim como a gravidade. Ela existe, pelo menos é o que se pode crer, depois de muito tempo acumulado de gravidade existindo. No entanto, a gravidade é meramente uma observação. É contexto. Até hoje, jamais verdade. Apenas observação acumulada. O próximo passo é sempre desconhecido.

Uma maçã. Um maçã caiu no chão. Gravidade.

Mesmo que não tenha acertado a cabeça de ninguém. Gravidade.

Cinco, seis, doze maçãs caíram no chão por conta da gravidade.

Até hoje todas as maçãs caíram no chão. Nenhuma, não existe nenhuma que flutuou, nem por um segundo. Nenhuma maçã flutuou tempo suficiente de ser pega antes de cair no chão. Elas simplesmente caem. Nem todas acertaram a cabeça de alguém. Algumas pessoas têm sorte e as maçãs caem, mas não quebram suas cabeças.

Mas a gravidade é isso: até hoje todas as maçãs caíram, mas nada indica, nada pode assegurar, não existe nenhuma certeza de que as maçãs cairão.

Eu sou a árvore de Newton, sem Newton.

Ou uma anti-árvore que flutua, sem gravidade, de Newton.

Como esse texto que eu falo. Ou leio. Não há como saber da gravidade do que eu falo - não com certeza - nem se este texto foi decorado por mim (e eu só estou fingindo ler o que está escrito no papel) ou se, simplesmente, eu de fato estou lendo o que está escrito no papel.

Isto não tem importância.

Mas o que eu digo também flutua. Flutua e é sincero.

Sempre que eu vejo um ator lendo em cena, eu me pergunto se de fato há algo no papel.

"Não é a voz que dirige a história, mas sim o ouvido".

Oswald de Andrade, um brasileiro, disse em português: "A gente escreve o que ouve, não o que houve".

Em português, a tradução disso possui um trocadilho que, quem não fala português não pode entender. E isso está perdido entre a língua e eu. Entre a língua e nós.

A árvore e o papel.

Não será tudo a mesma coisa?

Eu sou uma árvore.

Logo, papel.

Eu decoro, eu digo, eu improviso:

Não será tudo a mesma coisa?

Sempre que eu vejo um ator falando ao telefone, eu me pergunto se há alguém do outro lado da linha.

Há alguém do outro lado da linha? Ou linha do outro lado?

Há uma linha?

Se sim, há uma linha aqui... Uma linha sucessória?

É uma questão quase barroca. Se é verdade que o que é barroco dobra e o que dobra é aquilo que multiplica a linha, entre a unidade e o múltiplo. Se é verdade, provavelmente deve ser. A linha, do telefone, ou quem sabe, o telefone da linha seja a mesma a parte que ouve. O que houve entre eu e o outro lado.

Isto não tem importância.

Quando eu era criança, na aula de teatro, eu consegui o papel principal da peça de fim de ano da escola. Um dia, o professor me tomou o papel da mão e disse que seria melhor se eu interpretasse uma árvore. Parada. Sem fazer nada. Em um canto. Eu não precisaria fazer nada. Eu não faria nada além de sintetizar a luz.

Naquela hora eu pensei que era uma honra sintetizar a luz.

Mas quando chegou o momento de interpretar a árvore, eu me dei conta: alguém ficou com o papel principal no meu lugar.

Então eu chorei. Eu dizia:

Eu não sou uma árvore.

Eu não sou uma árvore.

Eu sou um papel.

Não será tudo a mesma coisa?

(pausa)

Eu não sou ator.

É verdade.

Eu não sou ator.

(E isto não é um segredo porque não existem segredos.)

Isso não é segredo, todo mundo sabe.

Não é porque eu estou no palco que isto faz de mim um ator.

A frente normalmente não é o meu lugar.

É uma questão meramente contextual.

Embora não se possa garantir, eu sequer me dei ao trabalho de decorar este texto.

Eu não faço nada.

Eu não faço absolutamente nada.

Aliás, não é nem que eu não faça nada.

Eu não sei fazer nada.

Eu sinteti-*Uma pergunta:*

Eu preciso fazer alguma coisa?

(pausa)

Vou perguntar de novo:

Eu preciso fazer alguma coisa?

(pausa)

O ator é aquele que age.

né?

que faz uma ação.

né?

aquele que atua.

né?

que atua uma ação.

né?

o que é uma ação?

Dizem que palavra é ato. Em inglês: act.

Verbo. Fato.

Em inglês: fact.

Se isso for verdade, eu queria ser mudo.

Ser mudo como ato político.

Como ser político sendo mudo?

Como ser político?

O que no ser pode ser quando for político?

Ser e estar político.

Um "to be or not to be" político. Em inglês.

Eu não sou ator.

Eu não ajo.

Eu sou uma árvore.

Eu estou uma árvore.

Eu "to be" uma árvore.

Eu não faço nada além disso que eu estou fazendo.

Eu sintetizo a luz.

(pausa)

Vou perguntar pela última vez:

Eu preciso fazer alguma coisa?

(pausa)

Se eu fizer alguma coisa, isso vai deixar vocês mais felizes?

Ou não.

Isso vai deixar vocês mais atentos.

Ou não.

Isso vai deixar vocês mais satisfeitos.

É tudo código.

É tudo uma questão meramente contextual.

Ou não.

Imaginem, por um instante, que Godot está do outro lado da cidade, esperando Vladimir e Estragon.

Enquanto Vladimir e Estragon estão aqui, esperando Godot.

Um desencontro marcado.

Uma espera recíproca.

Uma espera que nunca alcança.

Quando eu era criança, na aula de teatro... Eu já disse isso.

Enfim.

Depois disso, eu criei medo de palco.

Medo de ser ridículo e de parecer ridículo.

Medo de esquecer o texto. Se é que eu estou lendo esse texto.

Medo de interpretar mal. Se é que eu estou interpretando.

(pausa)

Em 2010, eu interpretei um ator que perdia a memória em cena.

Eu esqueci o texto.

É verdade.

Foi a interpretação mais convincente da minha carreira.

Eu não faço nada.

Eu não sei fazer nada.

Eu fui do **papel**

para

o

papel

Não será tudo a mesma coisa?

A árvore e a maçã.

Não será tudo a mesma coisa?

A maçã.

A maçã de Newton.

A maçã do Éden.

A maçã da Branca de Neve.

A maçã do Steve Jobs.

A maçã do rosto.

A maçã dos Beatles.

A maçã que é vendida em qualquer país do mundo.

A maçã. Sempre a maçã.

A maçã maçante amassa a massa de maçã que a massa acha massa.

A maçã melhora a dicção.

Subir no palco é algo que envolve muita coisa.

Envolve sensações, dimensões.

Quando eu subo no palco, eu fico muito nervoso.

Uma vez eu tava tão nervoso que eu falei nervoso com z.

É verdade.

Eu fico tão nervoso que eu perco o ar.

Me falta ar.

Quando isso acontece, eu sintetizo a luz.

Eu troco oxigênio por dióxido de carbono.

(pausa. respira.)

Eu troco oxigênio por dióxido de carbono.

(pausa. respira.)

Mais uma vez: eu troco oxigênio por dióxido de carbono.

(pausa. respira.)

Eu acho que isso não é teatro.

É verdade. Não acho.

Levando em conta que teatro é ruim, isso até que é teatro.

"Não é a voz que dirige a história, mas sim o ouvido".

"A gente escreve o que ouve, não o que houve".

Georges Perec, um francês, disse em francês:

"Je cherche en même temps l'éternel et l'éphémère".

"Busco, ao mesmo tempo, o eterno e o efêmero".

A palavra escrita é eterna.

Ela está ali, gravada, para sempre, no papel.

A palavra dita é efêmera.

Ela está no ar, dita ao acaso, e jamais revivida.

Mas a palavra escrita também é efêmera.

Porque tudo é efêmero, tudo morre, inclusive o papel em que a palavra foi escrita.

E a palavra dita é eterna.

Tudo é eterno, o tudo e o nada, para sempre.

A palavra lida é... *Não será tudo a mesma coisa?*

(pausa)

Eu não estou sendo (e nem tentando ser) original porque a origem disso tudo está e não está em mim.

To be or not to be.

A origem (disso tudo) já disse tudo.

Tudo o que eu sei, eu só sei porque eu ouvi, porque me contaram...

Tudo o que eu sei, eu só sei porque eu li, porque estava escrito...

Ou me contaram ou estava escrito.

Eu sou uma árvore. Genealógica.

Eu contenho, dentro de mim, todas as páginas anteriores.

E todas as que virão na linha sucessória.

Há uma linha sucessória?

Há alguém do outro lado da linha sucessória?

Neste momento, agora, eu sou o antes e o depois.

Eu sou o último ancestral comum.

O último ancestral comum, pra quem não sabe, é o hipotético último ser vivo a partir do qual todos os seres vivos que vivem atualmente na Terra descendem.

É o hipotético último ser vivo a partir do qual todos os seres vivos que vivem atualmente na Terra descendem.

O último ser vivo a partir do qual todos os seres vivos que vivem atualmente na Terra descendem.

O ser vivo a partir do qual todos os seres vivos que vivem atualmente na Terra descendem.

O a partir do qual todos os seres vivos que vivem atualmente na Terra descendem.

Todos os seres vivos que vivem atualmente na Terra.

Os seres vivos que vivem.

Há seres vivos que não vivem.

Há mortos vivos.

Do papel ao papel.

Do pó ao pó.

Como um cupim que corrói a madeira.

A partícula de Deus.

Não será tudo a mesma coisa?

vamos dizer, por exemplo, que eu esteja, de verdade,
com tudo que posso e tenho,
tentando sintetizar o teatro.

juntar tudo que é teatro numa coisa mínima,
uma partícula pequena que se diga: enfim, teatro.

se eu atingir este ideal, eu preciso fazer mais alguma coisa?

algo como, decorar um texto, mesmo com o texto em mãos.

saber o texto de cabeça para caso o papel molhe, ou rasgue, ou suje ou não tenha outro

eu, o ator, se for ator, não sei, saiba dizer tudo de cor

ou fazer algo, movimentos, sair de um lugar pra outro e fazer algo

como... uma árvore

e se eu atingir essa coisa mínima, essa coisa pequena

que a gente chama de teatro

eu poderia, por fim,

com o texto de cor

em movimento
como árvore
ser a síntese de um ator?

(pausa)

Pra ser sincero, a minha vontade é sair daqui agora.

Eu queria sair daqui agora.

Porque o palco é uma espécie de claustrofobia.

Eu estou preso aqui.

Até isso aqui acabar.

Uma árvore presa pela raiz.

Parece que isso aqui não vai acabar nunca.

A plateia também é uma espécie de claustrofobia.

Vocês também estão presos aqui.

Até isso aqui acabar.

(pausa)

Por que não saímos daqui todos juntos?

Vamos fugir?

Vamos dar as mãos e sair correndo para um lugar bem longe daqui onde o teatro nunca possa nos encontrar?

"Não é a voz que dirige a história, mas sim o ouvido".

"A gente escreve o que ouve, não o que houve".

"Busco, ao mesmo tempo, o eterno e o efêmero".

Kafka, um tcheco, disse em alemão:

"Von einem gewissen Punkt an gibt es keine Rückkehr mehr. Dieser Punkt ist zu erreichen."

Eu não falo alemão.

"A partir de um certo ponto, não há retorno. Este é o ponto que é preciso alcançar."

Em 2013, eu fui diagnosticado com Transtorno de Ansiedade.

O transtorno de ansiedade, ao contrário do que, às vezes a gente acha, é uma doença bastante comum.

É um medo.

Um medo de ter medo.

É uma falta de ar.

Um medo de faltar ar.

Eu fiquei dois dias sem conseguir sair de casa.

Eu ainda sou muito ansioso, mas nada paralisante como uma raiz.

Um leve quadro de claustrofobia, talvez.

E eu me pergunto o que eu estou fazendo aqui.

Um medo da morte, talvez.

E eu me pergunto o que eu estou fazendo aqui.

Nosso primeiro ancestral, aquele lá atrás, enquanto tudo era meio água, meio lava, o primeiro outro que é a gente, provavelmente era uma célula, mínima, única só, que nem respirava, vivia de nitrogênio e só. Depois foi tudo ficando mais difícil, mais complexo, mais confuso, cada vez menos comum.

A vida da primeira célula, dizem, durou apenas alguns segundos. Hoje, se vive quanto? Oitenta? Noventa? Cem anos?

O primeiro homem imortal jamais saberá - pelo menos não com certeza - que é imortal.

Ele jamais poderá afirmar que é imortal porque o tempo nunca acabará e, a cada segundo, ainda existirá a possibilidade, mesmo que mínima, da morte.

Aos 100 anos, ele se achará velho.

Aos 500, talvez ele comece a desconfiar.

Aos 1000, terá alguma ideia.

Aos 1 milhão...

Mas jamais.

Jamais.

Poderá garantir.

"Não é a voz que dirige a história, mas sim o ouvido".

"A gente escreve o que ouve, não o que houve".

"Busco, ao mesmo tempo, o eterno e o efêmero".

"A partir de um certo ponto, não há retorno. Este é o ponto que é preciso alcançar."

Borges, um argentino, disse em espanhol:

"La muerte es una vida vivida. La vida es una muerte que viene".

"A morte é uma vida vivida. A vida é uma morte que se aproxima."

Todos os caminhos levam à morte.

Tudo o que existe no mundo só existe porque a morte existe.

A gente trabalha pra ter dinheiro pra comprar comida pra não morrer.

Tudo o que existe no mundo tem uma utilidade apenas porque a morte existe.

Toda utilidade é um adiamento da morte.

Menos a arte.

A arte é perda de tempo.

Talvez a arte seja uma maneira mais agradável de esperar a morte chegar.

Se isso que eu estou fazendo aqui for arte, eu não diria que é agradável.

Mas isso aqui já vai acabar.

Como tudo na vida, o consumo é mais rápido que a produção.

Às vezes eu fico duas horas cozinhando uma receita que eu como em dois minutos.

Teatro é para ser consumido imediatamente.

Antes que estrague.

Vamos manter a calma. Isso aqui já vai acabar.

(pausa)

Quando bate a ansiedade, eu penso que eu só queria ser uma árvore.

Quando bate a ansiedade nas árvores, elas fazem fotossíntese.

Eu troco oxigênio por dióxido de carbono.

(pausa. respira.)

(Aja como se ninguém estivesse te vendo.)

Isso aqui já vai acabar.

Isso aqui é tão ruim, tão desconfortável, que parece até teatro.

O que quer que signifique teatro.

Qual é a síntese do teatro?

"Não é a voz que dirige a história, mas sim o ouvido".

"A gente escreve o que ouve, não o que houve".

"Busco, ao mesmo tempo, o eterno e o efêmero".

"A partir de um certo ponto, não há retorno. Este é o ponto que é preciso alcançar."

"A morte é uma vida vivida. A vida é uma morte que se aproxima."

Grotowski, um polonês, disse em polonês - Eu não falo polonês.

Ele disse: "Pode o teatro existir sem o ator? Pode o ator existir sem audiência? Pelo menos um espectador é preciso para fazer disto uma performance."

Eu estou aqui.

Vocês estão aqui.

Isto aqui já é teatro?

Isto aqui sempre foi e sempre será teatro?

Se eu fizesse isso que eu estou fazendo na Grécia Antiga, seria teatro?

Se eu fizer isso daqui a 500 anos, será teatro?

Eu estou aqui.

Vocês estão aqui.

O que nós fazemos com isso?

Eu posso fingir que sou uma árvore enquanto vocês fingem que acreditam que eu sou uma árvore.

Não será tudo a mesma coisa?

Eu sou uma árvore.

Genealógica.

Recentemente eu tentei fazer a minha árvore genealógica.

Eu experimentei uma sensação próxima daquela quando a gente percebe que durante a vida a gente jamais vai ler todos os livros que a gente quer ler, uma vez que a existência é curta demais para ler mais de cinco mil livros.

A família da minha mãe veio do Líbano.

Desde pequeno minha avó materna sempre me chamou de "turquinho" sem saber que, para os árabes, é uma ofensa ser chamado de turco, já que os imigrantes sírios e libaneses que chegaram no Brasil durante a Segunda Guerra vieram fugidos do Império Turco Otomano e, por isso, seus registros de entrada no país eram classificados como turcos, fato que faz com que muitos brasileiros, até hoje, confundam os dois povos. Entre

eles, minha avó que, se não sabe disso, pelo menos ignora essa informação. Acho que ela gosta da sonoridade da palavra "turco".

Turco.

'Ana Shajara

'Ana Shajara

Eu sou um cedro libanês.

"Não é a voz que dirige a história, mas sim o ouvido".

"A gente escreve o que ouve, não o que houve".

"Busco, ao mesmo tempo, o eterno e o efêmero".

"A partir de um certo ponto, não há retorno. Este é o ponto que é preciso alcançar."

"A morte é uma vida vivida. A vida é uma morte que se aproxima."

"Pode o teatro existir sem o ator? Pode o ator existir sem audiência? Pelo menos um espectador é preciso para fazer disto uma performance."

Arnaldo Antunes, um brasileiro, disse em português:

"As árvores são fáceis de achar. Ficam plantadas no chão".

Cedros libaneses ficam plantados no chão do Líbano.

Assim como certos libaneses ficam plantados no chão do Líbano.

Ou em qualquer chão de qualquer país em que for plantado.

Assim como as árvores, nem todas as pessoas conseguem criar raízes fora de seu país de origem.

A minha avó nasceu em Bicas, no interior de Minas Gerais, uma pequena cidade onde muitos libaneses se estabeleceram no passado. Era lá que vivia a avó da minha avó, ou seja, minha tataravó, que era casada com um brasileiro. Ela também era brasileira. Naquela mesma cidade, havia um sujeito chamado Salim Lamha, um libanês dono de uma vendinha onde se podia comprar de tudo. Minha tataravó traiu o brasileiro com o libanês e engravidou dele. Como naquela época isso era um escândalo de proporções trágicas, o brasileiro decidiu criar o filho bastardo e lhe deu o nome de Aristides, pai da minha avó, meu bisavô.

Esse é o ponto mais distante de mim.

É o ponto mais distante que posso saber sobre a minha família.

E eu só sei disso porque me contaram.

Posso dizer que minha tataravó brasileira e meu tataravô libanês são uma espécie de Adão e Eva.

De mim.

Do meu ponto de origem.

A família da minha mãe é fruto de uma traição.

Minha tataravó mordeu a maçã proibida.

Da árvore da vida.

Da árvore da vida dela.

Daquela época.

E é só por isso que eu estou aqui.

E é por isso que eu nasci no Brasil.

Eu poderia ter nascido em qualquer lugar.

Mas eu nasci no Brasil.

E é muito difícil viver no Brasil porque o Brasil é um lugar muito ruim com as pessoas.

Eu poderia ter nascido em outro planeta.

Mas eu nasci no planeta Terra.

Que também é muito ruim com as pessoas.

Ou melhor, as pessoas são muitos ruins com o Brasil e com o planeta Terra.

Se um astronauta encontrasse uma árvore em outro planeta, ninguém jamais consideraria essa árvore um extraterrestre. Quer dizer, embora uma árvore seja um ser vivo, não é como se o astronauta tivesse encontrado "vida em outro planeta". Porque nós, seres humanos, só consideramos vida extraterrestre aquilo que tem forma humana.

Eu sou uma árvore, apesar da forma humana.

É uma metáfora.

Que comprova que nós conseguimos estabelecer comparações a partir daquilo que conhecemos.

Mas as árvores extraterrestres são tão extraterrestres quanto os extraterrestres.

Extra. Terrestres.

Árvores fora da terra.

Árvores desenraizadas.

Árvores que flutuam.

Sem gravidade.

Sem ar.

Eu sou uma árvore marciana.

Será que Marte é ruim com as pessoas?

Será que é difícil viver em Marte?

A vida no planeta Terra só é possível por causa de diversos fatores.

Viver dá muito trabalho

Tem que comer

Tem que beber

Tem que dormir

Tem que piscar os olhos

Tem que respirar

Tem que andar

Tem que sentar

Tem que deitar

Tem que levantar

Tem que mijar

Tem que cagar

Tem que tomar banho

Tem que escovar os dentes

Fora as coisas que não são obrigatórias

Tem que ler

Tem que falar

Tem que aprender a ler e a falar

Tem que amar

Tem que trepar

Tem que viajar

Tem que dançar

Tem que trabalhar

Tem que casar

Tem que procriar

Tem que criar

As árvores são felizes porque são árvores e não têm consciência disso.

As árvores são felizes porque não são árvores, elas só são, são o ser.

As árvores sempre estiveram aqui e sempre estarão.

Árvores não relativizam.

Relativizar até perder o sentido.

Relativizar até perder o sentido.
Relativizar até perder o sentido.
Relativizar até perder o sentido.
Relativizar até perder o sentido.
Relativizar até perder o sentido.
Relativizar até perder o sentido.
Relativizar até perder o sentido.
Relativizar até perder o sentido.
Relativizar até perder o sentido.
Relativizar até perder o sentido.
Relativizar até perder o sentido.
Relativizar até perder o sentido.
Relativizar até perder o sentido.
Relativizar até perder o sentido.
Relativizar até perder o sentido.

(repetir essa frase até restar apenas a musicalidade e perder o sentido)

Quando a minha avó era bebê, ela tinha uma babá que cuidava dela.

Um dia - e ninguém sabe muito bem o porquê - essa babá amarrou a minha avó no trilho do trem.

Parece coisa de filme, mas é verdade. Eu sei porque me contaram.

Por sorte, alguém passava por ali naquele momento e, antes que um trem passasse pelo trilho, essa pessoa salvou a vida da minha avó.

Se não fosse por isso, eu não estaria aqui agora.

Eu não aguento mais ouvir a minha própria voz.

Acho que ninguém gosta de ouvir a própria voz.

Acho que ninguém aguenta mais ouvir a própria voz e a voz dos outros.

Mas quando se está no palco, essa sensação é muito pior.

E quando se está sozinho no palco, é pior ainda.

Porque eu falo. E vocês são obrigados a me escutar.

Mas o que eu falo não tem importância.

E quando se fala ao microfone, é pior ainda.

Tem muita gente por aí falando ao microfone.
Coisas mais desimportantes do que as minhas.
Mas eu vou parar de falar, eu juro.
Isso aqui já vai acabar.
E assim que acabar, nada disso terá importância.
Todas as coisas mínimas, passageiras, errantes
coisas que flutuam,
sem gravidade
palavras que flutuam
de um lugar desconhecido
pra um lugar improvável
É isso.
É tudo a mesma coisa.
A árvore.
O homem.
O teatro.
O ator.
O público.
A maçã.
De novo, o símbolo maçã.
Tudo é símbolo em potencial.
Tudo é metáfora em potencial.
Chega de símbolos e metáforas em potencial.
É preciso cortar o mal pela raiz.
Eu não sou uma árvore.
Eu não sou uma árvore.
Porque eu não sou ator.
Atuar metáforas.
E eu não ajo.
Eu sintetizo.
Eu não faço nada.
Eu não faço nada.
Porque não há nada a ser feito.
A inação é a forma mais sincera de ação porque é a única que diz:
Nada disso tem importância.

Nada teve e nada nunca terá.

O nada é a síntese de tudo.

O nada é o último ancestral comum.

O tudo e o nada.

Não será tudo a mesma coisa?